

# Reação equivocada à crise econômica faz dívida disparar

Expansão de gastos e incentivos ao consumo adotados para tentar superar a recessão global desencadeada pela quebra do banco Lehman Brothers, em 2008, resultou em baixo crescimento econômico e endividamento público elevado

RH Rosana Hessel

postado em 12/09/2018 06:00 / atualizado em 12/09/2018 00:16

## Depois do furacão

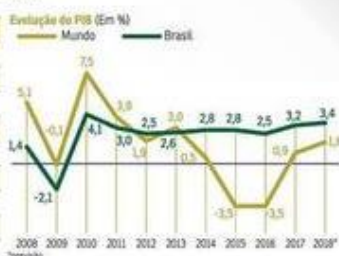
Como estavam as principais economias emergentes e desenvolvidas antes e depois da quebra do Lehman Brothers, que desencadeou a última crise financeira global (em %)

	PIB/2008	DÍVIDA/2008**	PIB/2018	DÍVIDA/2018*
Argentina	4,0	50,5	1,9	54,1
Bolívia	6,1	36,2	4,0	51,4
<b>Brasil</b>	<b>5,1</b>	<b>64,9</b>	<b>1,6</b>	<b>87,3</b>
Chile	3,5	4,9	3,3	23,8
China	9,6	27,0	6,6	51,2
Índia	3,9	74,5	7,3	68,9
Coreia do Sul	2,8	26,1	3,0	38,8
México	1,1	42,5	2,3	53,5
Panamá	6,6	40,8	5,6	37,6
Paraguai	6,3	18,1	4,4	26,4
Peru	9,1	27,9	3,7	26,9
Rússia	5,2	7,4	1,7	18,6
África do Sul	3,2	26,5	1,5	54,9
Uruguai	7,2	59,8	3,4	66,2
Venezuela	5,3	20,3	-15,0	381,9
Alemanha	0,8	65,1	2,5	59,8
Grécia	-0,3	109,4	2,0	191,2
Espanha	1,1	39,4	2,7	66,7
Reino Unido	-0,5	49,9	1,6	66,3
Estados Unidos	-0,3	73,7	2,3	108,0

\*Previsão  
\*\* Dívida pública bruta em % do PIB

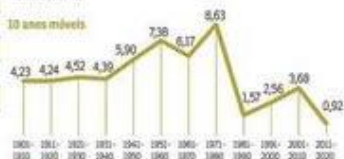
### Retratação

Em meio a medidas equivocadas do governo para sair da crise, o país mergulhou em uma recessão e se descolou do crescimento global.



### O Brasil nunca cresceu tão pouco

Taxa média de expansão do PIB nos últimos 10 anos é a menor da história (em %)



Fontes: FMI e Fultz Preston, com base em dados do IGC, do Ipea e do BC

Dez anos após a hecatombe financeira global deflagrada pela quebra do banco de investimentos norte-americano Lehman Brothers, em 15 de setembro de 2008, o Brasil, que parecia ter saído da crise primeiro, cresce muito pouco e vê a dívida pública aumentar, na contramão do resto do mundo. Naquela época, quando Wall Street registrou o maior tombo desde 20 de julho de 1933, o governo brasileiro achou que tinha conseguido contornar a crise com o estímulo ao consumo. A fórmula funcionou até 2010, quando o país cresceu em ritmo chinês, mas, para especialistas, o erro foi não saber quando parar.

A dívida pública bruta do governo geral estava em 62% do Produto Interno Bruto (PIB), em 2008, deve alcançar 87,3% no fim do ano deste ano, segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI) — percentual acima dos 77% previstos pelo Banco Central, que não inclui na conta os títulos do Tesouro Nacional que possui em carteira. Pela metodologia do FMI, a dívida já chegou a 85,5% do PIB no fim de julho, quase o dobro da média dos países emergentes, que é de 48%.

Para especialistas, o patamar de endividamento é preocupante, e só vai de estabilizar quando o governo voltar a registrar superavit primário, o não ocorre desde 2014 e, pelas contas da Instituição Fiscal Independente (IFI), do Senado Federal, só deve acontecer em 2022. Segundo o economista Marcos Lisboa, presidente do Insper, se a dívida atingir o patamar de 90% a 100% do PIB, “o país deverá entrar em uma crise muito mais severa”, porque a inflação, hoje controlada, poderá voltar com força, já que uma das saídas para cobrir a dívida é emitir moeda.

O economista-chefe da Austin Rating, Alex Agostini, reforçou que países emergentes, como Índia e China, crescem muito mais do que o Brasil, porque são menos endividados e alocaram boa parte da poupança do país em investimentos em infraestrutura, coisa que não foi feita aqui. “O Brasil gastou muito mal. E é obvio que, quando se gasta mal, cria-se uma incerteza grande para os investidores”, explicou, lembrando que mais de 90% das despesas do governo são rígidas e que, por isso, sobra muito pouco para investir.

“A China cresce bastante, porque gasta de forma correta. Na época da crise, o país asiático investiu bastante em infraestrutura, enquanto aqui o governo preferiu continuar assistencialista e gerou um ciclo de fatores negativos que desaceleraram o crescimento. Nos preparamos para uma marola e não para um tsunami”, ironizou Agostini, usando as palavras do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva que, na época, taxou a crise global de “marolinha”.

## Ficou para trás

Fernando Montero, economista-chefe da Tullett Prebon, usa uma imagem do atletismo para resumir a trajetória da economia brasileira nos 10 anos que se seguiram à quebra do Lehman Brothers, que precipitou a economia global numa crise de grandes proporções. Para ele, a impressão que fica é de que o “país queimou a largada”. “O Brasil acelerou primeiro a retomada, mas desmaiou na segunda parte da corrida”, resumiu. Hoje, além de crescer menos que a média global, entre as economias da América Latina, “o Brasil ganhou apenas da Venezuela e de El Salvador”.